

EDUCAÇÃO-CURRÍCULO NA FRONTEIRA ENTRE A MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE E PARA ALÉM DA UTOPIA

EDUCATION-CURRICULUM AT THE BORDER BETWEEN MODERNITY AND POST-MODERNITY AND TO BEYOND UTOPIA

Maria Noemi Gonçalves PRADO MANFREDI¹

Resumo: 'Educação-Currículo na fronteira entre a Modernidade e Pós-modernidade e para além da Utopia' é um artigo acadêmico que tem como objetivo apresentar o tema, educação-currículo na relação com as contradições do desenvolvimento econômico, perspectivas históricas e alternativas de poder no contexto atual. Trata-se de uma breve reflexão organizada a partir da categoria analítica gramsciana, hegemonia. A estrutura conceitual da Modernidade e Pós-modernidade apresentadas expandir-se-ão para a Educação no âmbito curricular. Entende-se que esse processo de produção teórica suscita debates e ressignifica o *status* do capitalismo na atualidade depois de décadas de hegemonia do ideário liberal.

Palavras-chave: Currículo. Hegemonia. Pós-modernidade. Modernidade. Educação.

Abstract: Education-Curriculum at the border between Modernity and Postmodernism and to beyond Utopia is an academic article aiming at presenting the subject-matter, education-curriculum in relation to the contradictions of economic development, historical perspectives and power alternatives in the current context. This is a brief reflection organized as of the analytical category from Gramsci, hegemony. The conceptual framework of Modernity and Postmodernism herein presented shall expand to Education in the curriculum framework. It is understood that this theoretical production process raises debates and reframes the status of the today capitalism after decades of hegemony of the liberal ideology.

Keywords: Curriculum. Hegemony. Postmodernity. Modernity. Education.

Educação-Currículo na fronteira entre a Modernidade e Pós-modernidade e para além da Utopia apresenta-se como um artigo acadêmico que tem como objetivo dar continuidade, urgente e necessária, ao tema: educação-currículo e a sociedade contemporânea. Trata-se de uma breve reflexão organizada a partir de participações em eventos e debates realizados nos diversos espaços representativos da sociedade civil, aqui compreendida a partir de categorias analíticas gramscianas, destacando a área da Educação no campo da produção acadêmica, na primeira década do terceiro milênio.

Entendemos que no meio acadêmico, de maneira um tanto tímida, assistimos a retomada da tradição crítica do marxismo e da história social e econômica na tentativa de

¹ Mestre em Educação-Currículo pela PUC-SP; docente da Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba/SP, FAC-FEA. Supervisora de Ensino da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. E-mail: marianoemi_prado@hotmail.com

explicitar as relações de dominação e os movimentos antissistêmicos nas relações internacionais.

Destacam-se nesse contexto, educadores e pesquisadores que refletem sobre o capitalismo contemporâneo em sua longa formação histórica como Sistema-Mundo. Essa via permaneceu acuada e isolada desde a década de 1990, com o surgimento de fatores contingenciais delineados pelo avanço das políticas econômicas neoliberais pretensamente posicionadas como ‘pensamento unificador’ no mundo.

Alentamos a possibilidade da construção de um “Mundo Novo/Possível”, onde os ícones preconizados pela Modernidade exauriram-se nas pretensões individuais e coletivas de Progresso e Democracia.

A partir dessa afirmação pretendemos abordar alguns aspectos da estrutura conceitual da Modernidade e Pós-modernidade a partir de David Harvey²; e Boaventura de Souza Santos³, expandindo para a Educação, sobretudo, no âmbito curricular.

Destacaremos o conceito de **hegemonia**, elaborado a partir do aporte teórico gramsciano, que se torna leitura essencial no estudo sobre as contradições do desenvolvimento econômico, perspectivas históricas e alternativas de poder para o contexto atual. Entende-se que esse processo de produção teórica que suscita debates, significa um avanço em larga escala para a produção acadêmica, privilegiando a busca do diagnóstico para o status do capitalismo na atualidade e as condições da sua superação, depois de décadas de hegemonia do ideário liberal em todas as suas vertentes.

Inauguramos o século XX com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) referendando a conquista do Mundo Selvagem pelo Mundo da Civilização, na verdade encobriam pretensões expansionistas do modelo capitalista, no entanto, em pouco mais de cem anos, França e Inglaterra se destacavam e firmavam-se no cenário internacional a partir do estabelecimento do *modus vivendi* do Mundo do Capital, do Mercado, da Competição.

Poucos anos adiante, seríamos solapados pelo nacionalismo de extrema direita que conduziu à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) de proporções ainda mais

²Geógrafo marxista imprime certa condição histórico-geográfica em suas análises estruturais e conjunturais, buscando significado dialético aliado ao esforço de confrontar as tendências da arte, da arquitetura, da filosofia e da política pós-modernas com as exigências econômicas decorrentes dos ciclos de expansão e crise do capitalismo.

³Sociólogo examina as diversas possibilidades de análise propiciadas pelas experiências humanas, em seus livros, **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**, revela sua herança contratualista e remete à organização de contratos sociais que sejam capazes de representar valores universais. Propõe a existência de uma etapa de transição, e deixa transparecer que o mundo atual não sofre ruptura ou continuidade, em verdade irrompe-se em um novo paradigma.

devastadoras. Esses grandes conflitos mundiais nos primeiros cinquenta anos do século passado marcaram os chamados “Tempos Sombrios”.

A outra metade do século XX será ocupada por ondas de revoluções socialistas/comunistas que ganharam o mundo, disseminando novo projeto político-ideológico. Podemos destacar, a partir dessa perspectiva, a influência exercida por esses movimentos sobre os levantes anticolonialistas nas Américas e na África.

O estopim dessas revoluções foi detonado em 1917, a partir do processo revolucionário deflagrado na Rússia com a queda do czarismo, no entanto, esses movimentos não deram conta de consolidar a desejada hegemonia da classe trabalhadora ou das classes subalternas, entendidas como propulsoras e deflagradoras do ideário revolucionário no mundo ocidental.

Divididos em tendências, marcadas em sua originalidade por projetos contrários e antagônicos, refletem incompletude dessa dualidade, o que foi por vezes complementar, na maioria revelaram-se irreconciliáveis.

Os Tempos Sombrios ainda estão refletidos nas pinceladas cubistas de Guernica, nos poemas de Pessoa, nas Imagens do Inconsciente de Nise da Silveira, nos girassóis de Van Gogh, no amor furtivo e inconveniente de Heidegger e Arendt, feridas e cicatrizes da Era do Medo e do Terror, “o Breve Século XX”, uniu perigosamente o Progresso Tecno-científico e a Miséria Humana.

A Modernidade configura-se, portanto, como o período demarcado pelo surgimento e consolidação da burguesia enquanto classe social dominante, simultaneamente ao desenvolvimento do **projeto iluminista** preconizando a **razão** enquanto construtora da via **emancipadora** por meio da liberdade do sujeito individual, núcleo teórico examinado em todos os seus aspectos posteriormente com a Teoria Crítica, a partir da Escola de Frankfurt, no início do século XX, com vieses interpretativos da teoria marxiana circunstanciados pela contextualização histórica e conjuntural.

O desenvolvimento do capitalismo comercial e industrial na Inglaterra e França representou a confirmação do poder hegemônico da burguesia, enquanto classe social dirigente. Com a Revolução Francesa⁴, filósofos do liberalismo político e econômico, os iluministas, consolidaram o ideário burguês no mundo moderno. A consolidação do estado alemão, francês, inglês, firmaram as bases do imperialismo que indubitavelmente desembocariam nas duas grandes guerras mundiais.

⁴A França no século XVIII através de um processo revolucionário coloca fim à monarquia absoluta, destruindo o sistema feudal e estabelecendo o predomínio da sociedade burguesa.

Na verdade essa brevíssima exposição pretende ser o pano de fundo das discussões propostas inicialmente, apresentando a multiplicidade de ideologias e pensadores sociais e políticos que povoaram o século XX.

Elucidando a proposta dessa primeira parte apresentaremos de forma sucinta a ordenação cronológica da história do moderno pensamento alemão⁵ a partir do final do século XVIII:

- a) 1800 a 1860 quando, independentemente das divergências ou aproximações, tivemos expoentes como: Immanuel Kant (1724 - 1804), Hegel (1770-1831) entre outros também expoentes significativos;
- b) 1850 a 1880: Karl Marx e Friedrich Engels, representantes do materialismo histórico;
- c) Aproximadamente 1900: influência do pensamento de Nietzsche, que obteve maior repercussão somente após sua morte;
- d) Início do século XX caracterizado por certo ecletismo filosófico com: Husserl (1859-1938) na fenomenologia, Hartmann na ontologia e Heidegger (1889-1976) no existencialismo;
- e) Simultaneamente com o período anterior, estruturou-se a Escola de Frankfurt⁶, com as presenças de teóricos como Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse entre outros igualmente significativos.

Portanto, desde Kant, aproximadamente no final do século XVIII até os Teóricos de Frankfurt⁷, na década de 1930 (no início do século XX), as vertentes teóricas emergiram de contextos históricos peculiares, que por vezes apresentavam algumas similaridades, controvérsias, consensos correspondentes às contingências de seu tempo histórico. Para explicarmos o movimento histórico intrínseco a esse período (final do século XVIII e início do século XX), portanto, que avança pouco mais de um século, faremos um recorte epistemológico na definição de emancipação para o projeto iluminista.

⁵A Alemanha do século XVIII é caótica, com sua geografia fragmentada governada por déspotas que sustentavam um governo central enfraquecido, a servidão era reinante, somente entre 1850 e 1950: período que correspondeu à formação do moderno estado germânico: 1.II Reich; 2.República de Weimar (1918-1933), e 3. III Reich (1933-1945), o moderno pensamento alemão dominou o cenário intelectual ocidental, transformando-se em uma potência mundial até sua destruição após as duas guerras mundiais.

⁶Marxistas e neo-hegelianos, sua contribuição mais duradoura foram observações críticas, negativas, de nítida influência heideggeriana, feitas pela desconfiança quanto à racionalidade. Entre todos os elementos vinculados ao grupo de Frankfurt, salientam os nomes de Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas.

⁷Kant e Hegel foram contemporâneos de Robespierre e Napoleão; e os "frankfurtianos", de Hitler, Lenin e Stalin.

Kant colocava no indivíduo a responsabilidade de sua liberação, na decisão e coragem de servir-se de si mesmo, no “saber ousar”, no ter a coragem de fazer uso de sua própria razão. O Esclarecimento (pela razão, ciência, tecnologia) se apresentava antes de tudo como manifestação da vontade política do homem, como um ato contracorrente, que gerava insegurança, medo, conformismo. ‘É tão cômodo ser menor’ dizia Kant, que a maioria dos homens por preguiça e covardia, continua de bom grado menores durante toda a vida. É difícil para um homem em particular se desvencilhar da menoridade que para ele se tornou quase uma segunda natureza. Os preceitos e as formulas são os grilhões que o prendem a sua perpetua menoridade. O esclarecimento não é o resultado mecânico de uma revolução, mas um processo vagaroso. A mudança no modo de pensar é lenta e dolorosa. É um processo histórico e pessoal. (PUCCI, 1995, p. 20).

Portanto, a herança epistemológica da modernidade ressoou marcadamente pela expressão da liberdade caracterizada pelas filosofias humanistas e progressistas que elegeram a Razão como transformadora da ordem vigente, a partir do momento em que o indivíduo se apossa dela, a Razão, através do Esclarecimento que desenha o princípio do que seria definido como “cidadão do mundo”.

Kant desenvolverá o conceito de Razão Emancipatória (pensar o pensamento) na perspectiva iluminista, mesmo vivendo em uma pequena cidade da Alemanha e sem nunca ter saído de lá, enquanto o epicentro dos acontecimentos fervilhava na França.

Neste sentido, e segundo Pucci (1995, p. 21), “se entende a afirmação de Kant de que vivemos em uma época de esclarecimento, de emancipação e libertação. A humanidade começa a sair da menoridade, e esse legado de Kant permanecerá forte e fértil na reflexão dos frankfurtianos”.

No entanto, o conceito de Razão Emancipatória acaba por perder sua força original, no momento em que o capitalismo evolui para a fase monopolista, quando técnicos e “cientistas” transformam a racionalidade em instrumento de produção e dominação:

A burguesia, porém, na medida em que foi impondo seu domínio às outras classes sociais, foi ofuscando a dimensão emancipatória da razão e privilegiando sua dimensão instrumental. A ciência, a tecnologia, o conhecimento, sonhado pelos primeiros pensadores modernos como possibilidade de minorar os sofrimentos dos homens, de instrumentalizá-los para a criação de um novo mundo, vão perdendo cada vez mais seu potencial libertário. [...]. Com o surgimento do capitalismo monopolista e seu desenvolvimento para além dos limites europeus, com a intensificação colonialista, com as revoluções científicas contemporâneas, o predomínio da dimensão instrumental da Razão se torna onipresente. (PUCCI, 1995, p. 23).

A positivização da razão reduz o ato de “pensar o pensamento” à racionalidade técnica, lançando mão dos recursos operacionais definidos a partir de uma visão utilitária estabelecida pela Razão Instrumental.

Portanto, de Kant à Escola de Frankfurt, em linhas gerais, observamos a prevalência de uma tendência reducionista que conduziu os ideais iluministas da Razão Emancipatória para o beco sem saída da Razão Instrumental.

Em última análise a Razão Instrumental atuava na complementaridade do princípio maior que seria a emancipação do indivíduo, o que significa em última instância que o homem moderno poderá no máximo estabelecer alguns limites de “resistência” ao discurso unificado sob a égide tecno-operacional da instrumentalidade racional do capitalismo monopolista, dessa maneira “a razão deve superar seu invólucro de especulações e se transformar em instrumento operacional, uma ferramenta a serviço do progresso”. (PUCCI, 1995, p. 24)

A Escola de Frankfurt⁸ criou e consolidou a Teoria Crítica surgida no final dos anos 1930, portanto pouco mais de um século após as formulações teóricas kantianas, propondo o desenvolvimento de uma abordagem Teórico Crítica a partir de reflexões que tiveram origem tanto na Teoria Tradicional do tipo cartesiano como também do Marxismo tradicional.

Esse recorte histórico desvela contradições implícitas ao desenvolvimento do pensamento frankfurtianos, introduzindo discussões acerca dos rumos tomados pelo que ficou reconhecido como “utopias frankfurtianas”⁹, destacando-se nesta reflexão o resgate da razão emancipatória, que segundo Freitag, “o tema da razão em seu movimento dialético não abandonou os frankfurtianos durante os cinquenta anos de sua produção; ele reaparece em várias roupagens nos seus diferentes trabalhos e continua preocupando as novas gerações de críticos.” (FREITAG, 2004, p. 36).

Outra vertente teórica exaustivamente explorada pela Escola de Frankfurt é o Marxismo, a proposta em Adorno e Horkheimer é considerar o materialismo histórico pela perspectiva de seu inacabamento, ou seja, transpor o viés de análise centralizada na

⁸A par de algumas polêmicas sobre o assunto, podemos dizer que a designação de escola de pensamento faz-se a partir dos seguintes pressupostos: a) existência de um quadro institucional; b) presença de um mestre-de-pensamento carismático; c) manifesto ou programa de ação, no caso da escola de Frankfurt apresentado por Horkheimer no seu discurso inaugural de 1931; d) "novo paradigma" apresentado como Teoria Crítica representado de maneira geral pela fusão do materialismo histórico com a psicanálise; e) abertura a outros pensadores como Nietzsche; f) existência de uma revista periódica que abrigava os ensaios dos integrantes e colaboradores (adaptado de Rolf Wiggershaus – A Escola de Frankfurt, 2002, p. 34).

⁹Segundo Marcuse, “para o método dialético todas as formas do ser são perpassadas por uma negatividade essencial, esta negatividade determina seu conteúdo e movimento”. Cada coisa, para ser o que é, deve vir a ser o que não é. Para Freitag, “a dialética negativa se confunde assim com a razão iluminista na conceituação de Kant e Hegel, ou seja, em sua versão emancipatória”.

abordagem econômica ampliando para outros espaços de discussão como a cultura, por exemplo, notadamente o que foi definido por eles como “indústria cultural”¹⁰, pois:

[...] com o enfraquecimento e a desmobilização do operariado europeu e de seus partidos representativos, nos anos 1930, e o surgimento da dominação política do *fascismo*, a serviço da consolidação do capitalismo monopolista ocidental; com a *stalinização* do regime socialista na URSS, a desmobilização dos *soviets* revolucionários e a defesa intransigente do ortodoxismo inspirado nos moldes dominantes, havia surgido uma nova realidade social que exigia uma nova resposta teórica [...] o materialismo histórico tinha que ser revitalizado. (PUCCI, 1995, p. 15)

Portanto, para os frankfurtianos, na medida em que a conjuntura mundial se transformava, as construções teóricas, atentas a essas situações, deveriam proporcionar uma leitura que atentasse ao grau de complexidade maior a que estavam submetidas as forças produtivas, ressaltando questões tangentes não somente à esfera econômica, devendo abranger temas como: educação, religião, ideologia e discursos, poder e justiça, raça, classe e gênero.

Essas contradições se estenderam ao longo de várias décadas, como relatamos desde a fundação e organização conceituais propostas pela Teoria Crítica, declinando na década de 1970 e acentuando-se esse declínio na década de 1990, com a mudança de conjuntura política e econômica em nível mundial, caracterizado pelo avanço do capitalismo monopolista e financeiro, validando o processo tecno-operacional como forma de entrincheirar ideias e pensamentos opostos que significassem algum tipo de ameaça.

Todos esses parâmetros são referendados pela globalização econômica e cultural. Entra em cena a diletante pós-modernidade.

A Pós-modernidade, embora existam controvérsias quanto à origem e pertinência do termo, poderá ser entendida a partir de alguns teóricos da atualidade dentre eles, Lyotard e Baudrillard¹¹, como uma etapa subsequente à Modernidade, delimitando uma “nova condição” sociocultural e estética prevalecente no avanço do capitalismo contemporâneo.

A mais simples demarcação do ponto dessa era ocorreu após o final da década de 1980, com o levante popular e pacífico de 1989 na Alemanha Oriental que colocou abaixo o Muro

¹⁰Segundo Pucci (1998: 39) a partir das análises frankfurtianas de Horkheimer e Adorno (1985); “a indústria cultural confere a tudo um ar de semelhança, de identidade, de empobrecimento dos materiais estéticos, de liberdade de escolher sempre a mesma coisa, de repressão, de privação. Ao mesmo tempo em que gera a padronização de tudo, atrofia a imaginação, a espontaneidade, atividade intelectual do espectador [...] sob o monopólio privado da cultura, a tirania deixa o corpo e vai direto à alma”.

¹¹ Jean Baudrillard: "cultura do simulacro" a “dissuasão do sentido e a hiper-realidade”. Jean-François Lyotard: a crise das metanarrativas nas sociedades contemporâneas.

de Berlim, deflagrando conseqüentemente uma crise paradigmática política e epistemológica, anunciando o fim das utopias¹² e das ideologias que dominaram todo o século XX.

Com a queda do Muro de Berlim, ficou claro que a União Soviética daquela vez não mais agiria violentamente como na Primavera de Praga. O império soviético, que fora erguido na Europa Oriental em consequência da Segunda Guerra Mundial e, a partir de então, mantido com repressão político-ideológica e violência militar, entrava em franca decadência. Daí resultou uma série de revoluções, em sua grande maioria, pacíficas na Europa Oriental¹³. Tinha fim a Guerra Fria. Nessa atmosfera também foi possível a Reunificação Alemã no dia 03 de outubro de 1990. (PLATE, 2009, p. 13)

O novo desenho geográfico, no entanto não se restringiu à Europa Oriental, fazia-se urgente a necessidade de reorientar e reorganizar o processo de “transformação”, em amplitude social, econômica e político-institucional:

Nesse contexto, logo ficou claro, para os países do Leste, Centro e Sudeste da Europa, o destino que teria essa viagem. Principalmente nos países da Europa Central, [...] e nos países Bálticos, logo se formou um consenso, entre as novas elites, sobre a direção em que a sociedade, a economia e o sistema político deveriam desenvolver-se. Ou seja, deveriam ser adotadas as formas de democracia, Estado de Direito e Economia de Mercado, na forma como já eram praticadas na Europa. (LANG, 2009, p. 26)

Wanderley (2011), em seu artigo intitulado “Ciência e Universidade: uma visão abrangente” elabora as divergências e convergências em torno do assunto, explicitando a existência de pelo menos cinco tipos de abordagem:

- a) Defende o ideário fundante da modernidade, embora lance mão da crítica, entendendo que a pós-modernidade como uma “segunda modernidade”, nesse contexto encontramos Habermas, Giddens entre outros;
- b) Discorda radicalmente das proposições básicas do pré-modernismo;
- c) Defende o materialismo histórico, e demonstra alguns riscos implícitos e explícitos, nas orientações pós-modernas;

¹²Francis Fukuyama escreveu "*The end of History*" em 1989 na antecipação da queda do Muro de Berlim.

¹³As repúblicas e nacionalidades da União Soviética exigiam autonomia e independência que foram acontecendo em efeito dominó, uma após a outra: Lituânia, Geórgia, Estônia, Letônia, Bielo-Rússia, Ucrânia, Moldávia e Quirguistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Armênia, Azerbaijão, Turcomenistão, República Socialista Federativa Soviética da Rússia e Cazaquistão.

- d) Pondera sobre as ambivalências e as oscilações que perpassam a modernidade e a pós-modernidade (Bauman)¹⁴;
- e) Propõe a existência de uma etapa de transição, não sofre ruptura ou continuidade, em verdade irrompe-se um novo paradigma e temos como representante Boaventura de Sousa Santos.

A arena de disputas políticas no interior do poder instituído nesse início do século XXI apresenta-se em uma encruzilhada, menos por opções que apontam para variados caminhos, e muito mais por influências “relativistas” que apresentam frágil inserção sobre a “realidade” fugaz, liquefeita, impregnada pelo paradigma neoliberal.

Esse é um tempo extremamente difícil, no qual as contradições e problemas sociais colocam constantemente em teste nossas melhores compreensões teóricas. Um tempo que nos torna dolorosamente sensíveis aos limites de nossas melhores explorações cognitivas. É um tempo, também, em que a extrema fragmentação e pulverização da vida social tende a nos fazer cair na tentação de abandonar nossos esforços de compreensão teórica em explicações que devem mais a contingência das situações analisadas, ao senso comum, e à ideologia que a uma construção conceitual paciente, coletiva e historicamente construída. (TADEU, 1995, p. 08).

Destacamos na citação acima, do professor Tomás Tadeu, a grande crise paradigmática instalada entre a intelectualidade mundial quanto às tentativas de análise da “fragmentação e pulverização” da vida social, tal discussão atinge o ápice em meados dos anos 1990, justificada pelo movimento dialético peculiar do contexto sócio histórico daquela década, ou seja, descenso dos movimentos sociais e revitalização do liberalismo em sua versão “neo” em amplitude mundial.

Dentre as várias pesquisas realizadas para a organização das ideias preliminares que elucidam o tema sobre o projeto iluminista nos deparamos com a obra “Teoria Crítica e Educação” organizada pelo professor Bruno Pucci em meados da década de 1990, em seu artigo “Teoria Crítica e Educação”, um recorte conceitual em Kant para resgatar a utopia dos frankfurtianos, ou seja, o resgate da razão emancipatória.

Na Educação, em geral, sobretudo na área do Currículo em particular, o contexto histórico atual caracterizado pelo poder hegemônico exercido pelo sistema capitalista, no decursoda influência norte americana, ainda que pese a crise econômica que se instalou por lá

¹⁴Zygmunt Bauman prefere usar a expressão "modernidade líquida" referindo-se a uma realidade ambígua, multiforme, na qual, como na clássica expressão do Manifesto Comunista, tudo o que é sólido se desmancha no ar.

nos últimos anos, apresenta-nos uma possibilidade interpretativa referendada por ícones que enalteceram o paradigma da modernidade desde os séculos XV, confrontando-nos em última instância com o poder político institucionalizado, que exhibe na maioria das vezes, medidas governamentais paliativas sustentadas pelos discursos oficiais privatizantes.

Entendemos que o objetivo inicial desse artigo, apresentar reflexivamente o tema: educação-curriculo e a sociedade contemporânea poderão ser organizados a partir de uma miríade de possibilidades, revelando a complexidade das relações de poder e dos desejos humanos, para além da utopia.

Referências

ALTHUSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Editorial Presença. 1974.

BOGUS, L. WOLF, S.; CHAIA, V. Pensamento e teoria nas ciências sociais. In: WANDERLEY, L. E. **Ciência e Universidade: uma visão abrangente**. São Paulo: EDUC: CAPES, 2011. p. 15-42.

FREITAG, B. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LANG, Kai-Olaf. A orientalização do Ocidente 20 anos após a troca de sistema: desafios para a Europa em processo de unificação. **Cadernos Adenauer: o mundo 20 anos após a queda do Muro**, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, v. 10, n. 2, 2009.

PACHECO, J. Teoria curricular crítica: os dilemas (e contradições) dos educadores críticos. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, p. 49-71, 2001.

PUCCI, B. (Org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos SP: EDUFISCAR, 1994.

PLATE, K. C. Conflitos após o desmoronamento da União Soviética. **Cadernos Adenauer: o mundo 20 anos após a queda do Muro**, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, v. 10, n. 2, 2009.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, T. **Teorias do currículo: uma introdução crítica**. Porto: Porto Editora. 2000.

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Tradução do alemão por Lilyane Deroche-Gurgel; tradução do francês por Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.